

## O dérbi entre ser e viver

Todos somos atletas. De uma maneira ou de outra, todos saltamos barreiras e corremos à procura de melhores oportunidades.

Dia após dia, atamos firmemente os sapatos e entramos em campo, com um suspiro profundo que nos enche de coragem. Passam-se horas, dias, meses. O campeonato continua. Às vezes, sentimo-nos vencedores, exibimos um sorriso confiante e destemido, de quem pensa que a partida está ganha. Outras, somos surpreendidos por adversários mais fortes, remates que nos escapam e arruinam as expectativas que até aí tínhamos criado. Somos invadidos por sensações hostis, a vontade de nos desfazermos dos sapatos, que agora nos incomodam como se restringissem a nossa liberdade; a urgência de desligar os holofotes que iluminam as linhas de campo, estas, que agora nos confundem, como se ditassem uma série de regras às quais deixámos de saber obedecer. E, nesses dias, o campo parece mais longo do que nunca. Os rostos que nos rodeiam são agora desconhecidos. A equipa, a interajuda, o ambiente familiar que apoiara cada uma das nossas jogadas, esmoreceu. No chão, veem-se marcas de respeito e uma braçadeira abandonada. Nas bancadas, os aplausos pararam. O tiquetaque dos ponteiros dos relógios volta a ser audível, com o pousar das raquetes. A coreografia perde-se na sua essência, os passos dos corredores cessam. O arco parte-se, a flecha cai. Os cestos são engolidos pelo campo e os trampolins deixam de fazer saltar. As rodas das bicicletas prendem-se, inibindo o movimento. Contudo, os holofotes continuam ligados. E, com eles, estamos nós, num estádio sem vida.

As nossas mãos tremem, sem se atreverem a desfazer o laço dos atacadores.

Momentos antes, fora o que desejáramos. Queríamos ter jogado o nosso próprio jogo, coordenado as luzes e o campo. Queríamos ter deixado de passar a bola e esquecido os cartões erguidos. Queríamos ter libertado a nossa angústia, enfrentado a raiva que nos oprimia, sobrepondo-nos à mesma. Mas, agora, tudo desaparecera.

A agressividade que nos consumira já não estava presente. Mas, levava com ela o nosso futuro. A fúria passageira deixara marcas permanentes. Porque, agora, fora substituída por arrependimento. De novo, os sapatos já não nos incomodavam, e tínhamos uma enorme vontade de correr. Mas estávamos sozinhos. A magia perdera-se. Não havia vitórias, nem derrotas. Não havia equipas, nem adversários. Não havia adeptos. Não havia regras. Não havia nada, senão a memória de um atleta que deixara de o ser.

Todos somos atletas, até ao momento em que deixamos de nos comportar como tal. Perde-se a ética, perde-se o sentido de correr. Perde-se o desporto e a magia de o viver.